

A "RETÓRICA CATIVA"

Vieira e a Inquisição

ANA PAULA BANZA, ÉVORA

Em todas as épocas e em todas as civilizações e culturas encontramos figuras que, pela sua genialidade, em um ou vários aspectos, se tornam incontornáveis, transformando-se em ícones transnacionais, reconhecíveis e reconhecidos por todos. Tal é indiscutivelmente o caso do Padre António Vieira.

Regra geral, porém, quando se pensa em Vieira, pensa-se em oratória barroca e nos *Sermões*, apesar de também terem chegado até nós outras obras, das quais se destacam as chamadas obras proféticas: *História do Futuro* (e *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*), *Representação...* e *Clavis Prophetarum*. Sem pretender, de forma alguma, diminuir a importância dos *Sermões*, expoente máximo da retórica seiscentista portuguesa e indiscutivelmente a grande obra do Padre António Vieira, não posso, porém, deixar de reputar de injusto o esquecimento a que aquelas têm geralmente sido votadas. E isto porque, se é certo que nelas não encontramos páginas de prosa que nos emocionem e façam chorar, como escreveu Bernardo Soares¹ a propósito dos *Sermões*, nelas encontramos, porém, uma parte muito significativa do seu pensamento, nomeadamente a exposição da sua magnífica teoria Quinto-Imperial, num estilo que, embora longe dos fulgores da oratória barroca, merece, ainda assim, o nosso interesse e admiração: pela clareza, pela eloquência, pela genialidade, enfim, que nelas reencontramos, ainda que sob uma forma necessariamente diferente.

¹ Cf. Soares Bernardo (1982), *Livro do Desassossego*, recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização de Jacinto do Coelho, Lisboa, 16-17.